



DO CONTO BREVE E DO MICRO-CONTO EM LITERATURA PORTUGUESA PARA A INFÂNCIA

José António Gomes¹

RESUMO

É a brevidade elemento distintivo de um texto para os mais novos na literatura para a infância? Possui uma tradição na história literária? Constitui, hoje, um traço negativo considerando a educação literária? Pode ao mesmo tempo assumir-se como um valor estético? O presente artigo aborda esta temática, mas enfatiza a importância de estudar a brevidade em textos narrativos para crianças. Consequentemente, analisa as obras de dois escritores portugueses de relevo, pertencentes a gerações distintas: Mário Castrim e Álvaro Magalhães. Ambos publicaram contos muito curtos e micro-contos para crianças, entre os anos 60 e 80 do século XX. Os traços específicos da sua produção são apontados aqui.

PALAVRAS-CHAVE: Brevidade. Conto breve. Micro-conto. Mário Castrim. Álvaro Magalhães.

VERY SHORT STORIES AND MICRO-STORIES IN PORTUGUESE CHILDREN'S LITERATURE

ABSTRACT

Is the brevity a distinctive element of a text for children in children's literature? Does it have a tradition in literary history? Is it a negative feature today considering literary education? Can it also be an aesthetic value? This article deals with these topics but emphasizes the relevance of studying brevity in narrative texts for children. Consequently it analyses the works of a pair of important Portuguese writers, coming from two different generations: Mário Castrim and Álvaro Magalhães. They both have published very short stories and micro-stories for children, between the 60s and the 80s of the 20th century. The specific traits of their production are pointed out here.

KEYWORDS: Brevity. Very short story. Micro-story. Mário Castrim. Álvaro Magalhães.

EL CUENTO Y EL MICRORRELATO EN LA LITERATURA PORTUGUESA PARA NIÑOS

RESUMEN

¿Es la brevedad elemento distintivo de un texto para los más jóvenes en la literatura para la infancia? ¿Tiene una tradición en la historia literaria? ¿Constituye hoy un rasgo negativo, considerando la educación literaria? ¿Puede al mismo tiempo asumirse como un valor estético? El presente artículo aborda esta temática, pero enfatiza la importancia de estudiar la brevedad en textos narrativos para niños. En consecuencia, analiza la obra de dos escritores portugueses relevantes, que pertenecen a diferentes generaciones: Mario Castrim y Álvaro Magalhães. Ambos publicaron cuentos muy cortos y micro-cuentos para niños, entre los años 60 y 80 del siglo XX. Los rasgos específicos de su producción se apuntan aquí.

PALABRAS-CLAVE: Brevedad. Cuento breve. Micro-cuento. Mário Castrim. Álvaro Magalhães.

¹ Licenciatura em Filologia Germânica (Univ. Porto), mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas pela Universidade Nova de Lisboa e doutoramento em Literatura Portuguesa do século XX pela mesma universidade. E-mail: <jam.gomes@netcabo.pt>



Será a brevidade uma das características dos atuais textos narrativos literários para crianças? Em que tradição(ções) se inscreve essa brevidade? Ainda que, no álbum narrativo ou *picture storybook* (Lionni, Sendak, Velthuijs, McKee, Carle, Bruna, Manuela Bacelar, Catarina Sobral...), a brevidade do texto linguístico tenha, como contraponto, a *não brevidade* do texto pictural, que deve cooperar de modo ativo e simbiótico com a palavra, e esta com aquele, na construção da significação, certo é que a maioria dos álbuns narrativos preferencialmente dirigidos à infância caracterizam-se pela presença de um texto narrativo muito breve.

Também na área do conto ilustrado – que considero obviamente diferente do *picture storybook* –, a brevidade do texto apresentado ao leitor mais jovem é, a meu ver, uma tendência. Aliás, nos dias que correm, a coletânea de contos entremeados de ilustrações² (um exemplo: *Seis Histórias às Avestas* (Porto Editora, 2003), de Luísa Ducla Soares, que por acaso começou por se intitular *Seis Histórias de Encantar* e foi inicialmente editado em 1985, pela Areal Editores) ocupa cada vez menos espaço na produção literária e editorial portuguesa para a infância. Cede, sim, lugar a volumes que fundamentalmente apresentam um único conto, profusamente ilustrado. Nos planos da materialidade e da paratextualidade do livro, este conto procura, muitas vezes, reproduzir o formato e as características do *picture storybook*, indo ao encontro, convém dizer, da pressão do próprio mercado editorial – a qual condiciona, quase inevitavelmente, e como é sabido, o processo de criação.

Embora exista toda uma tradição (mesmo nacional: Torrado, Alvim, Pina, Mota...), a que fatores atribuir tal tendência para a brevidade, que faz, no fim de contas, com que os textos *literários* portugueses propostos, hoje, até aos 10-11 anos sejam cada vez mais curtos, e os livros possuam cada vez maior aparato gráfico e visual? Às pressões do mercado? À simplisticamente chamada *ditadura da imagem*? À cada vez menor competência de leitura literária das crianças e pré-adolescentes (conheço casos de jovens de dez-doze anos a quem professores de Português propõem a leitura de livros que, há uns bons anos, dir-se-ia serem mais apropriados à faixa dos seis-sete anos)? São meras hipóteses que deixo à reflexão.

O certo é que – tal como aquelas conhecidas categorias de que falava Italo Calvino (1993): *leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade* – a *brevidade*, além de poder constituir em si um valor estético, constitui um traço pertinente – e, aliás, bem enraizado na

² Recorde-se que, entre finais dos anos setenta e finais de noventa do século XX, este tipo de obra era comum em coleções de literatura portuguesa para a infância. Exemplos disso são várias das coletâneas de contos publicadas na coleção *ASA Juvenil*, de Edições ASA, dirigida por Ilse Losa. Mas outras coleções, de editoras como a Plátano, a Horizonte, a Civilização ou a Porto Editora, poderiam ser apontadas.

tradição literária – de muitos gêneros e subgêneros, e não se prende com a simples questão da extensão do texto, pois as suas implicações filosóficas e semióticas são várias. Para o confirmar, basta estudar muito do que foi escrito sobre a fábula, a ficção breve e brevíssima de tradição hispano-americana, o limerick, o haiku e o tanka, o epigrama da Antiguidade, a greguería, o aforismo poético, ou ainda sobre essa rede de práticas discursivas de sabedoria em que o discurso ensaístico se imiscui, como a máxima, o pensamento, a sentença, o provérbio...

Tudo isto digo para assinalar que a brevidade textual e narrativa me parece um dos aspetos a ter em conta na caracterização de parte da produção literária contemporânea para crianças, nomeadamente em Portugal. E, nesse quadro, gostaria de propor uma releitura de algumas obras pioneiras e sublinhar a sua importância e a dos respetivos autores³.

Em matéria de contos breves e de micro-contos, não terei tempo para aflorar aqui precursores portugueses no contexto da literatura dita para adultos, mas não resisto a mencionar, pelo menos, o nome do surrealista Mário-Henrique Leiria – em *Contos do Gin-Tonic* (1973) e *Novos Contos do Gin* (1974) – como um dos primeiros e mais influentes cultores contemporâneos da mini-ficção em Portugal (a que não terão sido talvez alheias as leituras feitas durante o seu exílio sul-americano) e o gosto frequente deste autor pela narrativa de uma página ou menos (como o *conto muito curto* – entre 200 a 1000 palavras – ou mesmo *ultracurto* – menos de 200 palavras –, isto se entendermos usar os termos e definições de Lauro Zavala (2004) na sua obra *Cartografías del Cuento y la Minificción*. Em Mário-Henrique Leiria, ir-se-á descobrir a presença de um fantástico de cunho surrealizante, do *nonsense*, do hiperbólico, do humor negro e, por vezes, do desfecho epifânico característico de muitos contos breves. Elementos que sustentam amiúde um subtexto crítico elegendo diferentes comportamentos humanos, sociais e políticos, bem como a insuportabilidade de certo quotidiano moderno.

No campo da literatura para a infância importa referir o pioneirismo de uma obra que é, porém – repare-se – anterior aos contos de Leiria: *Histórias com Juízo*, de Mário Castrim (1993) (pseudónimo de Manuel Nunes da Fonseca, 1920-2002), livro inicialmente publicado em 1969 e enriquecido, posteriormente, com novos textos⁴. Assinale-se que o título, à primeira vista, é enganador, pois é possível encontrar na obra, sobretudo na segunda parte, o poema em verso ou em prosa e, na primeira, mais em consonância com o título, a historieta: uma a

³ Já em 2008 publiquei um primeiro trabalho sobre outra escritora: Ana Saldanha. Intitulado *Ana Saldanha: algumas notas sobre uma poética da brevidade*, foca a presença da narrativa curta em alguma da escrita da autora de *Para Maiores de Dezasseis* (v. Gomes, 2008).

⁴ Recorro aqui à edição de 1993, da Editorial Caminho, com ilustrações de Paulo Monteiro.

duas páginas, por vezes dois ou três escassos parágrafos, às vezes mesmo três a quatro linhas, exemplos, portanto, de microcontos ou *nanoficções* (vide Santiago Vaquera, *apud* ZAVALA, 2004, p. 346). Se considerarmos *Doença* um conto ultracurto, veremos que comporta apenas dezasseis palavras: “– O que é uma cama? || – É uma pobre e longa cadeira com a doença do sono” (CASTRIM, 1993, p. 38). Aqui, é visível a aproximação da micronarrativa – que algo tem de fragmentário, mas em que se escutam as vozes de duas personagens – ao aforismo poético ou, melhor ainda, à greguería, cuja matriz é o género poético breve, em prosa, criado por Ramón Gómez de la Serna (1888-1963).

Os textos povoam-se de objetos (janelas, cadeiras, cómodas, mesas...), frutos e animais, ocasionalmente humanizados. Há textos imbuídos de aparente *nonsense* – que nunca é inocente – e pequenos poemas em prosa de lirismo tocante⁵:

“**Tapete voador** – Eu sou o tapete. || Conheço os passos das pessoas. Quando as pessoas estão quietas, oiço bater o coração delas na planta dos pés. || Aqui onde me vêem, já fui uma pessoa muito importante. Quando não havia aviões e helicópteros, era eu quem levava os homens a viajar. Em vez de gasolina, os homens diziam umas palavras. Era mais barato, mas muito mais difícil, porque as tais palavras é preciso conhecê-las. || Se tu as conheces, diz. Diz depressa. Faz de mim agora e sempre um tapete voador”⁶ (CASTRIM, 1993, p. 74).

Na esclarecedora apresentação da contracapa (saída, por certo, da pena do autor) pode-se ler que “todas as histórias têm juízo. Todas. Principalmente aquelas que parecem não ter juízo nenhum”. Na verdade, é disto que se trata, ou seja, de contos – quase sempre muito dialogados e protagonizados sobretudo por objetos, marcados pelo cómico de situação e, por vezes, de linguagem e de carácter – a par de poemas que estimulam a descobrir uma *verdade* escondida em cada coisa, a encontrar o nexos poético que estrutura o aparente absurdo da

⁵ É por vezes apontada a fronteira ténue existente entre o conto curto e o poema em prosa.

⁶ Quanto à segunda parte do livro, quase toda constituída por textos em verso, direi que, juntamente com *Joaninha Avôa Avôa* (1962), de Maria Rosa Colaço, *O Livro de Marianinha* (1967, póstumo), de Aquilino Ribeiro, *O Cantar da Tila* (1967), de Matilde Rosa Araújo, *Conversas com Versos* (1968) e *Figuras Figuronas* (1969), de Maria Alberta Menéres, *Histórias com Juízo* constitui um dos títulos mais interessantes da poesia para crianças e jovens editada em finais dos anos sessenta do século XX, numa altura em que este tipo de escrita ousava, enfim, libertar-se de certo infantilismo e da expressão de tendências nacionalistas que, em décadas anteriores, a haviam inquinado. Com alguns dos textos deste livro, Mário Castrim inaugura, na nossa poesia para jovens, uma atitude mais experimental, aqui e acolá próxima até de certas práticas da poesia concretista – é o caso da criativa organização gráfico-visual de dois ou três textos (um deles um acróstico). O autor aprofundará esta experiência em 1977, com um livro de assinalável qualidade escrito a partir do alfabeto: *Estas São as Letras*.

realidade, aproveitando para minar, uma vez mais, a confiança na fiabilidade do discurso. Leia-se, por exemplo, o texto *Corre, corre, corredor*: “Era uma vez um corredor atravancado de cadeiras, vasos, prateleiras, mesas. Era um corredor muito triste. || – Ó corredor, por que é que estás tão triste? || – Porque não me deixam correr – respondeu o corredor” (CASTRIM, 1993, p. 18).

Mas, no caso dos contos breves – os principais são, talvez, “O xarope” e “A cómoda incómoda” (CASTRIM, 1993, pp. 26-28 e 32-33) – e dos brevíssimos – “Era uma vez” e “Festa” (CASTRIM, 1993, pp. 20-21), por exemplo –, resiste-se até a ver neles mais do que curtos e inventivos episódios cómicos protagonizados por objetos, reveladores de um humor apurado, mesmo que uma ou outra alusão de crítica social possa ser detetada. E não surpreende que a presença forte de diálogos e o registo oralizante tenham tornado estes textos apetecíveis para artistas do palco⁷.

Outro livro que merece ser destacado é *Histórias Pequenas de Bichos Pequenos* (1985), de Álvaro Magalhães (n. 1951)⁸. Esta outra obra é composta por dezena e meia de textos, cada um dedicado a um animal específico, com exceção do último, intitulado *Insecticida* (MAGALHÃES, 2001, pp. 32-33). Neste, as personagens são insetos vários, capazes de dialogar com a voz que narra – é um conto pacifista, talvez o mais crítico em relação à sociedade humana, quer por referir o facto de o ser humano ter criado o inseticida, o que é censurado, quer por acusá-lo de ter inventado esse *homencida* que é a bomba atómica, isto segundo o narrador homodiegético (personagem humana).

Cinco linhas e 58 palavras (Barata), seis linhas e 79 palavras (Pulga), dez linhas e 103 palavras (Centopeia) são as extensões de texto verificáveis nas histórias mais curtas. As mais longas não ultrapassam uma página e meia do livro, o que faz delas também contos breves. A maioria é protagonizada por insetos, bichos pequenos. Curiosamente, um dos textos – o mais metaliterário e metaléptico, incluindo diálogo entre a personagem e um narrador que assume o estatuto de *autor* do livro – regista a presença de um hipopótamo (animal da particular preferência de Álvaro Magalhães). Mas o narrador resolve a questão da sua presença num livro sobre *bichos pequenos*, quer com o facto de o animal declarar encontrar-se em dieta de

⁷ A atestar certa popularidade da obra, fique registado que *Algumas Histórias com Juízo* foi o título de um disco EP, de Raul Solnado, com música de António Victorino d'Almeida, no qual foram gravados alguns dos textos do livro de Castrim. O disco foi editado em Lisboa, no ano de 1972, com a etiqueta Zip-Zip (nome do célebre programa da RTP realizado, em 1969, por Solnado, Fialho Gouveia e Carlos Cruz).

⁸ Utilizo a 6ª edição, ilustrada por João Machado e datada de 2001, com a chancela de Edições ASA.

emagrecimento, quer com o conselho dado aos narratários, no sentido de usarem binóculos virados ao contrário para o verem.

Uma leitura global destas *histórias pequenas* aponta no sentido de a temática animal não se encontrar, aqui, propriamente ao serviço de intuítos ecologistas ou outros de natureza ambientalista, social ou política (talvez com exceção da última, já mencionada). Mesmo a relação com a tradição fabulística não é especialmente digna de nota. Tal como sucedia com o recurso aos objetos no livro de Mário Castrim, na obra de Álvaro Magalhães, os bichos “mais insignificantes”⁹, em suas idiosincrasias (que em certos casos são mais de *nome* do que de outra coisa), interessam sobretudo enquanto elementos desencadeadores de um jogo que, em primeira instância, é jogo de linguagem. São mais relevantes o trocadilho (*mosquiteiro/mosqueteiro; bicho-carpinteiro/bicho-enfermeiro; barata fala-barata; traça/traço/troça...*), o erro linguístico – que aqui é explorado em diversas ocasiões –, a *mise en abîme* convertida em jogo verbal (Pulga), em suma, é mais relevante o ludismo linguístico, e suas implicações diegéticas e discursivas, do que outros aspetos da escrita. Deste ponto de vista, *Histórias Pequenas de Bichos Pequenos* é uma obra em que se nota a influência de clássicos, como os livros de Lewis Carroll, de A. A. Milne (*Winnie-the-Pooh* (1926) e outros), ou mesmo de Manuel António Pina (outro escritor de narrativas breves em alguns dos seus volumes para a infância, também elas marcadas pelas sombras tutelares de Carroll e de Milne).

Nos contos muito curtos ou ultra-curto, o próprio conceito de personagem às vezes esfuma-se ou quase desaparece sob o peso da intertextualidade ou da ambiguidade semântica, como lembra Lauro Zavala (2005), na sua teoria sobre a mini-ficção. Tal ambiguidade, nos casos de Castrim (releia-se *Corre, corre, corredor!*) e de Álvaro Magalhães, é adensada pelo recurso ao jogo linguístico. Quanto à concentração verbal, ela não prejudica, antes favorece, certo poder de evocação que assenta, por vezes, na ativação de uma intertextualidade literária e extraliterária, a qual chega a comandar a composição do texto. Assim ocorre com o conto *Joaninha* (MAGALHÃES, 2001, p. 7), escrito a partir da conhecida *rima infantil* popular, *Joaninha voa voa*, ou com “Mosquito” (MAGALHÃES, 2001, p. 20), história que não poderia existir se não existisse o romance *Os Três Mosqueteiros* (1844), de Alexandre Dumas, pai. Também o conto “Bicha-solitária” (MAGALHÃES, 2001, p. 26) dialoga certamente com *Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe.

⁹ Expressão utilizada no paratexto da contracapa da obra.

Mário Castrim e Álvaro Magalhães são apenas dois exemplos de autores de relevo na escrita portuguesa para crianças e jovens, que exploraram as possibilidades do conto breve e do micro-conto de um modo literariamente bem-sucedido, abrindo possibilidades de utilização dos seus textos (no sentido nobre do termo utilização) no quadro de uma educação linguística e literária, quer enquanto leituras recreativas, quer como leituras orientadas, extensivas ou intensivas¹⁰.

O ludismo desafiador dos contos breves e micro-contos de ambos os autores, a exploração de virtualidades da língua, tanto ao nível do significante como do significado, o cômico de linguagem, de situações, de caráter ao serviço de um humor invariavelmente inteligente, o jogo intertextual – são apenas alguns dos elementos que este ensaio quis realçar e que fazem dos livros comentados obras de qualidade literária para todas as idades (incluindo os mais jovens).

Acrescente-se, a terminar, que vários dos textos literários de Castrim e Magalhães aqui comentados foram, ao longo dos anos, ganhando popularidade relativa em contextos escolares, mercê da sua frequente inclusão em manuais de Português, sobretudo do 2.º ciclo do Ensino Básico. Nesse quadro têm, também, a meu ver, um potencial de motivação da criança e do jovem, quer para uma escrita criativa assente na leitura atenta de alguns textos, quer para atividades de recriação e prolongamento dos mesmos.

Referências

ALVIM, P. **Sofia Só**. [ilustrações do autor]. Lisboa: Plátano, 198-.

¹⁰ Um estudo mais demorado e aprofundado do tema que aqui me ocupa obrigaria a analisar outros casos de cultores do conto breve e a verificar, por exemplo, como as características de coleção (formato, número de páginas, extensão dos textos recomendada aos autores, etc.) influenciaram o aparecimento de contos de curta ou curtíssima extensão – os quais, no caso português, têm em António Torrado um dos seus mestres (tanto em livro – designadamente na coleção *Caracol*, da Plátano (v. TORRADO, 1977) – como no projeto em linha, entretanto descontinuado, *História do dia*, como ainda na obra de eventual *crossover fiction*, *O Conta-Gotas* (TORRADO, 2010)). Destaco o exemplo da coleção *Desabrochar Contos*, da Desabrochar Editorial, graficamente muito uniforme, em que foram publicados, entre finais dos anos oitenta e princípios de noventa do século passado, diversas coletâneas invariavelmente caracterizadas pela brevidade dos seus textos. Para apenas apontar um exemplo, *Devagarinho*, um conto de Maria Alberta Menéres (1988), incluído nas dezassete *Histórias de Tempo Vai Tempo Vem*, possui cerca de 280 palavras. Dessa coleção, saliento ainda *Da Rua do Contador para a Rua do Ouvidor*, de António Torrado (1990), *Histórias do Sono e do Sonho*, de José Jorge Letria (1990) e *O Coração e o Livro*, de Maria Rosa Colaço (1993). Também António Mota (1989) editou, nesta coleção, *Abada de Histórias*. Nos anos seguintes, viria a dar-nos novos exemplos de contos breves, nas coletâneas *O Lobisomem* e *Segredos* (Mota, 1994; 1996). Na primeira metade da década de oitenta, com *Os Filhos dos Outros* e *Sofia Só* – que inclui também poemas –, Pedro Alvim (1935-1997) fora outro dos pioneiros da narrativa muito curta (v. Alvim, 198- e 1984) na escrita portuguesa para crianças.

_____. **Os Filhos dos Outros**. [ilustrações de Teresa Dias Coelho]. Mem Martins: Europa-América, 1984.

CALVINO, I. **Seis Propostas para O Próximo Milénio**. Lisboa: Teorema, 1993.

CASTRIM, M. **Histórias com Juízo**. [Ilustrações de Paulo Monteiro, 4.ª ed.]. Lisboa: Caminho, 1993 (1.ª ed., 1969).

COLAÇO, M. R. **O Coração e o Livro**. [Ilustrações de António Modesto]. Porto: Desabrochar, 1993.

GOMES, J. A. Ana Saldanha: algumas notas sobre uma poética da brevidade. In: AA VV. **No Branco do Sul as Cores dos Livros – Encontros sobre Literatura para Crianças e Jovens – Beja, 2005 e 2006** – Actas. Lisboa: Caminho, 2008, pp. 64-78.

LETRIA, J. J. **Histórias do Sono e do Sonho**. [Ilustrações de João Lemos]. Porto: Desabrochar, 1990.

MAGALHÃES, Á. **Histórias Pequenas de Bichos Pequenos**. [Ilustrações de João Machado]. Porto: ASA II, 2001 (1.ª ed., 1985).

MENÉRES, M. A. **Histórias de Tempo Vai Tempo Vem**. [Ilustrações de Vítor Simões]. Porto: Desabrochar, 1988.

MOTA, A. **Abada de Histórias**. [Ilustrações de Vítor Simões]. Porto: Desabrochar, 1989

_____. **O Lobisomem**. [Ilustrações de Bayard Christ]. Lisboa: Caminho, 1994.

_____. **Segredos**. [Ilustrações de Teresa Lima]. Porto: Desabrochar, 1996.

TORRADO, A. **O Trono do Rei Escamiro**. [Ilustrações de Carlos Barradas]. Lisboa: Plátano, 1977.

_____. **Da Rua do Contador para a Rua do Ouvidor**. [Ilustrações de João Nunes]. Porto: Desabrochar, 1990.

_____. **O Conta-Gotas... Contos mínimos**. [Ilustrações de Gémeo Luís]. Porto: Eterogémeas, 2010.

ZAVALA, L. **Cartografías del Cuento y la Minificción**. Sevilha: Renacimiento, 2004.

_____. **El Cuento Ultracorto bajo el Microscopio**. Biblioteca Digital Ciudad Seva, 2003. Disponível em: <<http://www.ciudadseva.com/textos/teoria/hist/zavala1.htm>>. Acesso em: 6 fev. 2005.

_____. **Breve Teoría de la Minificción**. 2005. Disponível em: <<http://www.fl.ulaval.ca/cuentos/lzcarto.htm>>. Acesso em: 06 fev. 2005.

RECEBIDO 19 DE JULHO DE 2018.

APROVADO 14 DE SETEMBRO DE 2018.